

Controvérsias em torno do Monumento ao Sapateiro - Novo Hamburgo/RS**Roswithia WEBER***

Resumo: O presente artigo analisa as polêmicas em torno do Monumento ao sapateiro, projetado pelo artista Flávio Scholles no ano de 1979, na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Utilizam-se, como fonte, jornais de circulação local. Busca-se compreender como o monumento condensa diversos significados a partir da análise da construção de representações identitárias e da disputa de memórias. Entende-se que as controvérsias ocorrem, especialmente, devido à ruptura apresentada pelo monumento em relação à identidade local de Novo Hamburgo, propagada como cidade progressista ligada à indústria calçadista. A proposta do artista evidencia uma representação do trabalhador, sapateiro, sem reiterar o discurso do progresso harmônico.

Palavras-chave: Monumento ao Sapateiro. Memória. Flávio Scholles. Identidade local. Novo Hamburgo/RS.

Controversies around the Shoemaker's Monument – Novo Hamburgo/RS

Abstract: This paper analyzes the controversies surrounding the Shoemaker's Monument, designed by the artist Flávio Scholles, in 1979, in Novo Hamburgo city, Rio Grande do Sul state. Local circulation newspapers were used as a source. This paper also tries to understand how the monument condenses different meanings from the analysis identity construction and memories dispute. It is understood that controversies occur, especially, due the rupture presented by the monument in relation to the local identity of Novo Hamburgo city, propagated as a progressive city, linked to the footwear industry. The artist's proposal evidences a worker representation, shoemaker without reiterating the harmonic progress.

Keywords: Shoemaker's Monument. Memory. Flávio Scholles. Local identity. Novo Hamburgo/RS.

* Professora Doutora – Curso de História e Mestrado Profissional em Letras – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Brasil. Rodovia RS 239, 2755, Campus Universitário II, CEP 93.352-000, Novo Hamburgo, RS. E-mail: roswithia@uol.com.br

Considerações iniciais

Em primeiro de maio de 1979, na ocasião do dia do trabalho, foi inaugurado o Monumento ao Sapateiro na cidade de Novo Hamburgo, localizada no Vale dos Sinos¹, no estado do Rio Grande do Sul.

A encomenda da obra foi feita, em 1978, pelo prefeito Eugênio Nelson Ritzel, eleito em 1977, representante do partido MDB. Em 1978, assinou um contrato com um grupo de artistas que integrava a chamada Casa Velha- convívio de arte². A intenção desse contrato era o desenvolvimento de projetos de esculturas, monumentos e painéis que seriam implementados em diferentes espaços da cidade (WENDLING, 1999). Flávio Scholles³, uma das lideranças da Casa Velha, projetou o Monumento ao Sapateiro.

No mês de abril, num clube social local de Novo Hamburgo, Sociedade Atiradores, foram expostas as maquetes que seriam produzidas pelo artista através do contrato com a prefeitura (WENDLING, 1999). Essa exposição foi o mote inicial para as controvérsias em torno do monumento ao sapateiro, antes mesmo de ser erguido. O jornalista Vinícius Bossle, responsável pela sucursal da Caldas Júnior⁴ em Novo Hamburgo, desde 1960, atuava também como cronista no diário local, Jornal NH. É, a partir, especialmente, da cobertura jornalística desse jornal que se busca analisar as polêmicas em torno do Monumento ao Sapateiro, pois no pós exposição das maquetes, 19 de abril, até meados do mês de maio de 1979, esse jornal pautou o tema semanalmente e, em alguns momentos, diariamente⁵.

Vinícius Bossle abre a discussão na edição do dia 19 de abril de 1979, do Jornal NH, com a crônica intitulada “Sapateiro escravo do mestre Scholles”:

Parece que a ideia do monumento ao sapateiro [...] não está descendo na garganta dos hamburguenses [...]. Depois segue apresentando ao leitor a maquete: A maquete [...] mostrou um grupo de figuras sentadas ao redor de uma mesa, com a cabeça entre as mãos, fisionomias bastante parecidas com os homens da idade da pedra, diante de um prato tendo dentro um sapato. Ao lado, mais uma figura angustiada, presa num poste encimado por um inflexível relógio, e ao redor sapatos às mancheiras. A interpretação para o leigo suscitou uma ideia de escravidão, de angústia, de desespero, de fome. A imagem real do Vale do Sapateiro é alegre e pitoresca. (SAPATEIRO..., 1979, p.4).

Antes de relatar sua opinião sobre a maquete exposta, coloca-se como interlocutor dos hamburguenses ao dizer que a ideia do monumento não estava descendo em suas gargantas. Na sequência da apresentação da obra exposta, faz a sua crítica: a obra não reflete a realidade da região.

A coluna de Bossle repercutiu na Câmara Municipal. Em 23 de abril, portanto, quatro dias depois da primeira crítica publicada no jornal local, o vereador Arcedino Conceição

justifica o encaminhamento do Projeto frente à reportagem de Vinícius Bossle, publicada na Folha da Tarde de 20 de abril⁶. O Projeto apresentava como proposta que o legislativo fosse consultado antes de ser construído um monumento: “[...] para que as homenagens devam passar por uma apreciação de representantes de diversas correntes de opinião do povo nesta Casa, e não somente de um homem.”

Ao apresentar o projeto na tribuna da Câmara, o vereador, então líder da Arena na câmara de vereadores, justificou mais diretamente a proposição: “[...] que o projeto de lei também tem como objetivo evitar que seja construído um monumento ao sapateiro que, segundo seu entender, não está projetado de forma a se constituir numa homenagem justa à categoria de trabalhadores.” Por um lado, o projeto tratava expressamente de focar no monumento em questão, por outro, refletia a preocupação em limitar os poderes do prefeito. Nesse sentido, argumentou ainda que “[...] deve ser criada uma lei para limitar as liberdades do atual prefeito.” Conceição afirma que “[...] um prefeito como este não se pode deixar à vontade.” (ARCEDINO..., 1979, p.2).

Observa-se que o monumento passa a expressar uma rivalidade partidária, dado que o prefeito Eugênio Nelson Ritzel, do MDB, foi o primeiro prefeito da oposição eleito no contexto pós golpe militar.

Três dias depois da primeira coluna publicada no jornal NH, o artista Flávio Scholles, que concebeu a maquete, manifesta sua crítica à crônica publicada Vinícius Bossle. Informa que o cronista confundiu as maquetes, pois o monumento designado como sendo o Monumento ao Sapateiro tratava-se da maquete “O sapato como alimento”, previsto para ser construído na Fenac, e esclarece que o Monumento ao Sapateiro seria erguido em outro local, na rótula em frente ao Colégio Pio XII. Scholles, então, leva uma foto da maquete e aproveita para explicar o que seria de fato o Monumento ao Sapateiro:

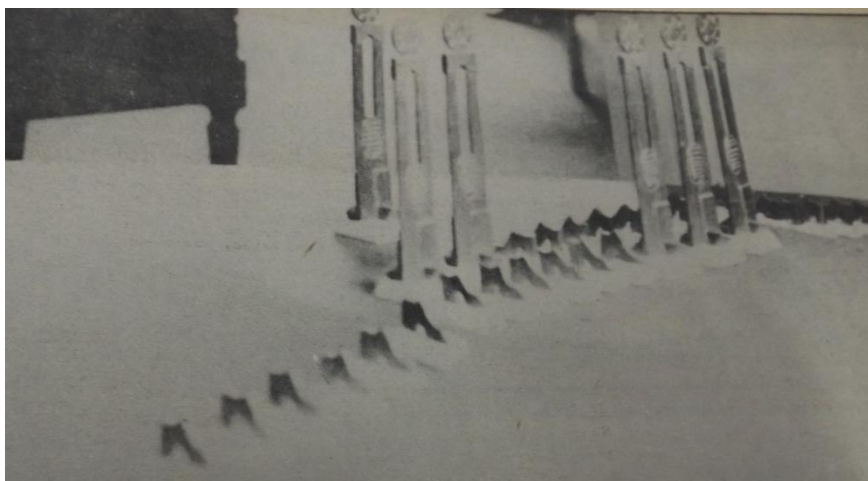


Figura 1: Maquete do Monumento ao Sapateiro

Fonte: Jornal NH, 25.04.1970, p.23.

São seis figuras que aparecem ajoelhadas, suspendendo o sol. São operários do calçado ou sapateiros e os sapatos em fila simbolizam as esteiras que carregam os sapatos. O relógio com oito ponteiros simboliza as oito horas de trabalho destes operários (situação trabalho). Cada figura terá 5,40 metros de altura, e o material será ferro fundido, pesando cada figura dois mil quilos. (SCHOLLES FALA...,1979, p.23).

A réplica de Bossle é editada quatro dias depois. No entanto, sem que fique caracterizada como tal:

A história dos monumentos ainda vai dar muitas mangas para coletes. Aquele que o artista Flávio Scholles fez para homenagear a manufatura de calçados, tendo como ideia o 'sapato alimento' depositado num prato diante de figuras simiescas, foi temporariamente suspenso. Mas o 'Monumento ao Sapateiro' tem data marcada para inauguração, na rótula das Nações Unidas, dia 1º de maio. (A LIBERDADE... 1979, p.4).

Assim, Bossle não faz menção ao seu engano e fortalece seu papel no julgamento dos monumentos. Sua opinião sobre o legítimo Monumento ao Sapateiro não destoou de sua crítica à maquete apreciada em seu primeiro artigo, pois para ele:

[...] o 'Monumento ao Sapateiro', que mais parece uma homenagem aos incas, que adoravam o sol, ou aos aborígenes que primitivamente habitavam o Vale, mas jamais ao imigrante alemão que trouxe consigo a arte de curtir couros e fabricar calçados, e esmaltou como pioneiro a figura tão respeitada de Pedro Adams Filho, que inaugurou no Brasil a primeira fábrica de calçados, ele mesmo oficial da banca e também seleiro. Mais uma vez estou aqui, mestre Scholles, e é pena, porque o admiro como artista, mas não concordo que tuas concepções representem o nosso alegre e pitoresco 'Vale do Sapateiro'. (A LIBERDADE... 1979, p.4).

Bossle reiterou a mesma crítica que fez ao monumento 'Sapato como alimento' o qual avia considerado anteriormente como o Monumento ao Sapateiro. Ambos não expressavam o alegre Vale do Sapateiro.

2 Representações identitárias locais e o Monumento ao Sapateiro

Cabe analisar a construção de representações identitárias locais sobre Novo Hamburgo para compreender a reação de Bossle, bem como as demais controvérsias da qual o Monumento ao Sapateiro foi alvo.

A partir de meados da década de 1940, a identidade de Novo Hamburgo é construída em torno do tema de sua projeção econômica. As imagens produzidas sobre Novo Hamburgo

apresentam-na como a “Manchester brasileira”⁷, “a Manchester riograndense”⁸ e “Capital Nacional do Calçado”.

Ercílio Rosa, cronista local⁹, assim descreve a cidade em 1951:

Manhã de dia útil... Pouco passa das 7 horas. A manhã ainda envolta nas brumas da madrugada, mal foge do orvalho. E o sol, ainda respingando sereno, levanta-se heroicamente nesse começo de dia comum, e enquanto a aragem dorme, como é costume nos vales, uma densa fumaça cheirando à fábrica envolve toda a cidade... Recém começou um novo dia na “cidade industrial”. E qualquer observador pode sentir, através das chaminés fumegantes, o ruído heterogêneo das 370 fábricas novo hamburguesas, das 294 manufaturando calçados!¹⁰

Na década de 1960, o Conselho de Turismo (COMTUR) promoveu a FENAC - Feira Nacional do Calçado. A criação de uma feira voltada ao calçado a qual passou a ocorrer numa área adquirida pela municipalidade que comprou a área destinada ao empreendimento (SCHEMES, 2005).

A primeira Feira, realizada em 1963, teve caráter regional. A segunda, em 1965, caracterizou-se por ser nacional e a terceira, que ocorreu em 1967, projetou-se internacionalmente¹¹¹².

Tratou-se de promover não somente a feira, mas, sobretudo, a cidade que, de “Cidade industrial” e “Manchester rio-grandense”, passou a ser divulgada como “Capital Nacional do Calçado”. Essa imagem é fortalecida não só pela produção de calçados, como também pelas empresas correlatas ao setor calçadista: máquinas, equipamentos, enfeites e componentes de calçados¹³.

É nesse cenário que a divulgação identitária local era acompanhada de uma narrativa eufórica do progresso, cenário em que Scholles projeta o Monumento ao Sapateiro o qual não reitera essa narrativa.

Bossle incumbiu-se de apresentar o monumento: “Ouvi algumas pessoas sobre o ‘Monumento ao Sapateiro’, e para elas, a concepção do mestre Scholles colocou o trabalho como uma servidão, uma sujeição, algo do qual nós queremos nos livrar.” (A LIBERDADE..., 1979, p.4).

O jornalista traz a opinião de dois professores e integrantes da direção da instituição de ensino superior de Novo Hamburgo (Feevale), João Carlos Schmitz e Plínio Dall’Agnol, e ainda do ex-prefeito da cidade e presidente do Sindicato da Indústria de Calçados, Níveo Friedrich. Bossle relata que esse último:

[...] é o mais revoltado com os monumentos, porque no seu entender eles visam lançar o operário contra o patrão e criar uma diferença de classes que

ainda não se estabeleceu na região. A simplicidade do Vale e seu modo até ingênuo de vida comunitária, é algo muito precioso, assevera Níveo, e não vamos destruir isto assinalando injustiça social onde existe diálogo, consideração e amizade. (A LIBERDADE..., 1979, p.4).

Como se pode ver, o parecer de Bossle sobre os monumentos de Scholles é reforçado pelo ex-prefeito, e ambos criticam o artista pelo fato de ele mostrar uma imagem de desarmonia entre classes a qual não está presente na região. O mesmo é destacado da fala de Plínio Dall’Agnol, que:

[...] considera que os monumentos devem ser simples, idealistas, otimistas e que não podem desfigurar a realidade, trazendo para a praça pública uma contestação que não existe no Vale. [...] Entendo como Plínio, que os monumentos públicos devem evitar a imagem da guerra, do egoísmo, da servidão, da instabilidade e devem ser retratos vivos das virtudes do povo – e ele as tem. (A LIBERDADE... 1979, p.4).

Mais uma vez, é reforçada a ideia de que há uma desfiguração da realidade, o que soa impróprio num contexto em que a identidade local é pautada em uma imagem positiva.

As palavras do outro professor, referido no artigo, enfatiza as raízes étnicas da região: “Para o professor Schmitz, a inspiração(do monumento) não se fixa nas raízes étnicas e culturais da região, de fundamentos europeus, mais precisamente alemães [...]”.

Assim, um monumento que demonstra que o trabalho do operário é árduo, como denota o projeto de Scholles, não se insere nos referenciais culturais da região. O discurso recorrente de uma capacidade de trabalho dos descendentes de alemães e de uma população ordeira também compunha a demarcação da identidade local de Novo Hamburgo. Sendo assim, “trabalho” consiste num dos símbolos de identificação étnica (SEYFERTH, 1990).

Nesse sentido, insere-se o discurso do *self made* na reportagem Sapateiros com rostos de escravos:

[...] O sapateiro alcançou um status social e profissional que o coloca numa situação invejável, em relação a outras regiões do Estado e outras atividades funcionais. Sapateiro foi o industrial de hoje, raríssimas exceções, e provavelmente será o empresário de amanhã pois o que caracteriza esta atividade é a iniciativa do oficial de ofício, que quase sempre começa uma pequena fábrica nos fundos de casa, transformando-a, com os anos, nas potências que hoje povoam o Vale. (SAPATEIROS..., 1979, p.49).

Assim, não havia razão para Scholles caracterizar o trabalho retratando o trabalho da forma como o fez. Com relação a esse tema, um jornalista, Carlos Mosmann, rebateu as críticas que Bossle fez ao artista, dizendo que, naquele contexto, as possibilidades de ascensão do trabalhador eram em proporções menores e tendiam a desaparecer dada a

necessidade de capital para iniciar um empreendimento competitivo. Conforme o jornalista: “[...] cada vez menos, o operário tem condições de poupar para acumular capital. [...] o simples fato de que alguns conseguem ascender socialmente não significa que a maioria viva em condições exatamente dignas.” (ARTISTA..., 1979, p.4).

Mosmann, ao debater sobre a polêmica em torno do Monumento ao Sapateiro, traz um cenário diferente do caracterizado por Bossle, indicando que as condições de cidadania plena não se estendiam a todos. Aquele, ao finalizar seu texto no jornal, enfatiza: “Assim, não se pode argumentar contra a obra de Scholles, afirmando que ela não retrata uma realidade.” (ARTISTA..., 1979, P.4).

Dentre os municípios do Vale do Sinos, Novo Hamburgo destacou-se como a cidade que atraiu o maior percentual de migrantes, dado o seu desenvolvimento voltado a empresas de couro, de calçados, de acessórios e de componentes. Segundo o autor, a utilização de novas técnicas ampliou a demanda de mão de obra nos processos produtivos, a partir da década de 1970, através do uso dos trilhos de transportes de sapatos e das cadeias de montagem (SCHNEIDER, 2004).

Schneider (2004) indica que as mudanças tecnológicas tayloristas trouxeram um número elevado de migrantes os quais a infraestrutura urbana não estava capacitada para absorver, o que configurou um espaço urbano de crescimento desordenado.

Nas décadas de 1960 e 1970, no contexto do Brasil, as migrações foram um fenômeno presente e esteve marcado pelo êxodo rural, em um período em que a indústria demandava força de trabalho (BARCELLOS, 1995). O desenvolvimento no setor coureiro foi responsável pelo estabelecimento de fluxos migratórios de várias regiões do Estado, a partir da década de 1980, especialmente. Em Novo Hamburgo, contudo, a recepção de migrantes já datava de períodos anteriores.

Esses aspectos caracterizam um panorama de modernização econômica que traz consigo elementos não tão harmônicos como os descritos pela crítica ao monumento.

O projeto do Monumento ao Sapateiro repõe, nas representações locais, uma identidade e uma memória coletiva utilizando referências do presente. O monumento não tratava de homenagear o sapateiro através de uma memória de sucesso de imigrantes alemães na região. Dessa forma, a representação do sapateiro de Scholles não incorpora a visão identitária local relacionada à prosperidade ligada ao trabalho dos imigrantes alemães, mas, sim, dar legitimidade ao trabalhador operário que está inserido no mundo do trabalho da cidade.

Scholles tem, como pano de fundo, o contexto do processo de especialização coureiro-calçadista no Vale do Sinos, e ressignifica o trabalhador ao colocar em cena o operário.

Scholles, a partir de suas maquetes, contribui com a demarcação da identidade do trabalhador a qual se configura, contribuindo, no plano simbólico, para sua cidadania.

Garantir a visibilidade dos operários, por sua vez, garantia a identidade social um grupo. Para Covre (1991), a cidadania envolve não só questões jurídicas, mas também aspectos envoltos às relações sociais.

Na avaliação da coluna publicada, “Scholles [...] não ajustou seu projeto à concepção clássica do sapateiro, que tanto pode ser o patrão como o empregado modelista, beirista, a costureira, a pespontadeira, o lixador, o montador ou o estilista [...]. (SAPATEIROS...,1979, p.49).

O cronista inclusive faz referência a outro projeto de monumento em homenagem ao sapateiro o qual havia sido proposto, no início da década de 1963, por outro artista, Ernesto Frederico Scheffel.

Por fim, a data escolhida para erigir o Monumento ao Sapateiro foi 1º de maio. Abaixo, segue uma imagem do Monumento, localizado numa rótula na Avenida Nações Unidas e Nicolau Becker:



Figura 2: Foto noturna do Monumento ao Sapateiro
Fonte: Acervo pessoal do fotógrafo Joel Reichert- Novo Hamburgo, 2008

3 Em quais gargantas o monumento desce?

Na edição do Jornal NH, no dia da inauguração do monumento, foi a vez da população em geral dar a sua opinião sobre o monumento. O cronista Bossle havia trazido, em seus escritos, ao longo de uma semana, as vozes daqueles que discordavam da ideia de monumento ao sapateiro proposta. No dia de sua inauguração, o jornal trouxe a voz daqueles que consideravam legítimo o monumento, ou seja, aqueles para quem o monumento “desce pela garganta”.

Na coluna “Qual é a sua opinião”, várias pessoas foram questionadas sobre suas percepções do Monumento ao Sapateiro, e despontaram visões favoráveis.

‘Muito trágica’

A televisão me influenciou muito na interpretação do monumento, mas acho que, melhor do que ninguém, aquelas pessoas que trabalham com o calçado podem falar ou não da obra de Scholles”, diz Glória Maria Correa, 29 anos, professora. (QUAL..., 1979, p.22).

‘Constante desespero’

O Niveo Friedrich quando falou na TV demonstrou estar chocado com a representação feita pelo artista no Monumento ao Sapateiro, mas ele, como dono de fábrica, se não sabe, é bom que fique sabendo que é exatamente assim a vida do operário, trabalhando de sol a sol, sem chances de parar, afirma Glória Feltes, 58 anos, operária aposentada, residente na [...].(QUAL..., 1979, p.22).

Prosseguindo ela fala do monumento baseado na Santa Ceia que está sendo projetado por Scholles:

Ninguém pode dizer que o que ele exprime no Monumento é mentira, pois realmente o sapateiro vive constantemente o desespero de chegar em casa e ver seus filhos chorando e sem ter condições de dar a eles tudo aquilo que precisam. Mas eu falo do operário da indústria, não do patrão como é o caso de Friedrich. (QUAL..., 1979, p.22).

Como é descrito na fala acima, a controvérsia sobre os monumentos foi alvo também de reportagem televisiva realizada pela emissora regional da Rede Globo. Ao recordar do episódio, o artista Flávio Scholles avalia que “[...] a RBS, que nos tinha dado cobertura, entrou com furo de reportagem apresentando um programa fantástico, mostrando que eu estava certo e não os industriais. [...] A jogada não era contra mim, mas era politicagem, mas eu tomei a coisa contra mim.” (SCHOLLES apud WENDLING, 1999, p.58).

O monumento ainda foi pauta do jornal dezesseis dias depois de sua inauguração. Na edição de 16 de maio, na coluna “o leitor com a palavra”, Rita Inês de Oliveira Haubert sensibilizou-se com o autor da obra:

[...] Para que tapar o sol com a peneira, se a realidade está aí, nua e crua? Por favor, se quiserem enfeitar uma realidade tão cruel, então que distribuam flores aos empregados ao final do expediente, e não venham opinar sobre um trabalho que merece todo o respeito de um artista nosso, que conhece o terreno onde pisa, pois anda com os pés no chão e não tendo sonhos coloridos, como muitos. Rita Inês de Oliveira Haubent [...]. (O LEITOR...,1979).

Nesse sentido, é clara a denúncia da situação de também remeter a um contexto de dificuldades em cujo discurso está presente o sucesso. As falas favoráveis ao monumento afirmam, diferentemente das falas da elite hamburguesa, a legitimidade do monumento em face à realidade que o trabalhador vive. No processo de legitimação do monumento que não é pacífico, o bem cultural vai se constituindo numa nova referência identitária na medida que esses cidadãos se veem ligados ao patrimônio edificado.

Assim, Bossle, ao falar pelos hamburgueses de modo generalizado “[...] a ideia do monumento ao sapateiro [...] não está descendo na garganta dos hamburgueses [...]”. (SAPATEIRO...,1979). Bossle, de fato amplia o sentimento para todos os cidadãos. No entanto, as demais opiniões que o jornal evidencia, nas declarações acima, evidenciam que há memórias em conflito, dado que não há a possibilidade de uma memória coletiva aceita por todos, pois há memórias concorrentes. Sendo que, no contexto emerge uma memória proibida, pois não convinha que o monumento se constituísse em bem cultural com potencial para refletir sobre a história local.

Desse modo, a tarefa de perscrutar a relação do monumento enquanto bem cultural, requer a atenção ao fato de que o patrimônio deve ser entendido nas relações com os sujeitos que compõem a sociedade (JEUDY, 1990).

Se, por um lado, as avaliações de alguns cidadãos legitimam positivamente o monumento, o que permite que o trabalhador operário e sua situação não fique na categoria do “não dito”, por outro, as manifestações contrárias ao monumento reiteravam a memória do progresso, excluindo suas contradições, não visibilizando, portanto, esse trabalhador.

Cabe observar, ainda, uma característica presente nas manifestações de populares, o fato de constar, no jornal, a identificação dos nomes, as idades e os endereços daqueles que se manifestaram¹⁴. Verifica-se que a cidadania, enquanto direito à expressão de opiniões, foi utilizada no contexto das polêmicas, abertamente e aparentemente sem riscos de represália.

Entre discordâncias e concordâncias com a ideia do monumento, o mesmo foi erigido. Na cerimônia de inauguração, o prefeito Eugênio Nelson Ritzel falou sobre as ameaças de apedrejamento à obra; padre Oscar Colling abençoou o monumento e falou sobre a sua representatividade; Manoel Lopes, o mais antigo operário da indústria calçadista, foi quem

cortou a fita e Orlando Müller, presidente do sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Calçado de Novo Hamburgo, que, no dia anterior, “[...] afirmou que aquilo retratava a realidade do trabalhador.” (PREFEITURA, 1979, p.2).

Na edição do dia 8 de maio, o monumento continuou sendo pauta do jornal. Noticiou-se um ato de vandalismo ao monumento, um carro circulou diversas vezes sobre a grama ao redor do monumento. Uma parcela entrevistada da população creditou o fato de vandalismo a menores. (ATO..., 1979, p 18).

A obra Sapato como alimento, envolta nas controvérsias, não foi realizada. Em agosto de 1979, quatro meses depois do monumento ser inaugurado, é sancionado o Projeto de lei que proíbe a construção de monumentos sem a autorização do legislativo¹⁵.

Atualmente, a paisagem urbana do entorno do monumento passou a contar com o trem, como se pode ver ao fundo. Cabe referir que, tanto o Monumento, como o Posto de gasolina ao fundo, referido como Posto Monumento ao Sapateiro, servem como elemento urbano de orientação, uma vez que se localizam numa entrada principal da cidade. No espaço da obra, não consta uma placa informando a data de inauguração e identificação da autoria, somente consta a referência: “Homenagem aos operários das fábricas de calçados”, no mesmo plano da placa que anuncia a identificação da rua. Frequentemente o espaço é utilizado para campanhas públicas, como aparece na Figura 4, uma campanha de conscientização de trânsito¹⁶.



Figura 3: Imagem atual do Monumento ao Sapateiro

Fonte: Própria autora, 2018.



Figura 4: Imagem atual do Monumento ao Sapateiro
Fonte: Própria autora, 2018.

Considerações finais

A cobertura das controvérsias sobre o Monumento ao Sapateiro permite identificar que o Jornal NH foi o fomentador do debate na cena pública medida que mostrava os diferentes pontos de vista.

O monumento projetado conflitava com a identidade local promovida até então. A obra de Scholles simbolizava, não o trabalhador heroicizado, mas, sim, o vinculado ao capitalismo, significava a afirmação de uma sociedade hamburguesa mais complexa e menos idealizada.

Se, por um lado, o tema do monumento estava voltado à representação do calçado, símbolo da identidade local, por outro, não fortalecia as representações identitárias que, então, eram divulgadas sobre a cidade.

Para aqueles cujas opiniões somaram-se ao pensamento de Bossle, possivelmente, não cabia incorporar o cenário presente na identidade local- seus traços, as transformações urbanas e as migrações deveriam ser ocultados. Mas o artista inclui, na cena pública, através de um bem cultural, a identidade do trabalhador operário.

Apesar das controvérsias, o artista, com o aval da gestão do prefeito, com sua política pública de socialização da arte, conseguiu erigir o Monumento ao Sapateiro incorporando, no plano simbólico local, o novo trabalhador, a partir da expressão de uma crítica social.

Recebido em: 30/09/2018

Aprovado em: 05/11/2018

NOTAS

¹ Área que abrange os municípios que integram a área banhada pelo Rio dos Sinos.

² Os artistas que se vincularam ao contrato: Flávio Scholles, Marciano Schmitz e Carlos Alberto de Oliveira haviam fundado em 1977 um espaço de arte, a chamada Casa Velha, com o objetivo de integrar o artista na região. O espaço sediou exposições, apresentações de teatro, aulas de artes, entre outros. (WENDLING, 1999.)

³ Natural de São José do Herval, que atualmente integra o município de Morro Reuter, município próximo a Novo Hamburgo. Atualmente o artista se mantém em atividade num atelier nesta sua cidade natal. Na década de 1990 teve sua projeção internacional. Em 1971 iniciou a Faculdade de Artes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em 1974 foi concluir seus estudos na PUC de Campinas. Em 1979 tinha 29 anos.

⁴ A empresa de Porto Alegre, era responsável por jornais que faziam a cobertura jornalística no Rio Grande do Sul. Na década de 1970, Bossle atuou também como professor no curso de Relações Públicas na Faculdade FEEVALE, em Novo Hamburgo.

⁵ Conforme Wendling (1999), desde 1977, a cobertura sobre artes deste jornal era constante.

⁶ Justificativa de Projeto de lei. Acervo da Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo.

⁷ ROSA, Ercílio. *5 de Abril*, Novo Hamburgo, 11 jan. 1946.

⁸ *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 25 Jul. 1960.

⁹ Ercílio Rosa escreveu crônicas sobre a sua cidade, Novo Hamburgo, cuja tônica é o processo de transformação da cidade ao longo do final dos anos 1940 e dos anos de 1950 e 1960. Esses escritos foram publicados no jornal local, *Jornal 5 de Abril*, nos anos 1940 e 1950 até o fim da circulação do jornal, em 1962 (SELBACH, 1999).

¹⁰ *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 19 jan. 1951.

¹¹ Dados extraídos de folheto informativo da Fundação IBGE, Novo Hamburgo, RS, Coleção de Monografias, nº 396.

¹² Dados extraídos de folheto informativo da Fundação IBGE, Novo Hamburgo, RS, Coleção de Monografias, nº 396.

¹³ Essa característica já estaria presente na década de 1970. Assim, o desenvolvimento local não esteve apenas ligado a calçados e couro. Ao longo das décadas de 1960 e 1970, o poder público local e estadual estimulou viagens ao exterior a fim de qualificar o ramo de máquinas e componentes (SCHEMES, 2005, p. 168).

¹⁴ Os endereços foram suprimidos da presente da presente publicação.

¹⁵ Projeto de Lei 25/08/1979. Câmara Municipal de Novo Hamburgo.

FONTES

A LIBERDADE DE OPINIÃO. BOSSLE, Vinícius. *Jornal NH*. 27/04/1979, p.4.

ARTISTA COMPREENDIDO. MOSSMANN, Carlos. *Jornal NH*. 25.04.1979. P.4.

ARCEDINO QUER PROIBIR CONSTRUÇÃO DE MONUMENTOS SEM APROVAÇÃO DA CÂMARA. *Jornal NH*. 25/04/1979, p.2.

ATO DE VANDALISMO CONTRA O MONUMENTO AO SAPATEIRO. *Jornal NH*. 08/05/1979, p.18.

COLUNA do Sabe Tudo, *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 1974.

SAPATEIRO ESCRAVO DO MESTRE SHOLLES. BOSSLE, Vinícius. *Jornal NH*. 19/04/1979, p.4.

SAPATEIROS COM ROSTO DE ESCRAVOS. *Folha da Tarde*. 20/04/1979, p.49.

SCHOLLES FALA NO MONUMENTO AO SAPATEIRO. *Jornal NH*. 23/04/1979, p.23.

O LEITOR COM A PALAVRA. *Jornal NH*. 16/05/1979, p.4.

PREFEITURA ENTREGOU MAIS QUATRO OBRAS. *Jornal NH*. 03/05/1979, p.2.

QUAL É A SUA OPINIÃO. *Jornal NH*. 1/05/1979, p.22.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Tanya M. de. *Migrações no sul: caminhos para terras e cidades*. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995. 156 f.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.

SCHEMES, Claudia, et al. *Memória do setor coureiro-calçadista: pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SCHNEIDER, Sergio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: COSTA, Achyles B. da; PASSOS, Maria Cristina. (Orgs.) *Indústria de calçados no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004, p.25-49.

SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. In: CARVALHO, Maria Rosário G. de (Org.). *Identidade étnica: mobilização política e cidadania*. Salvador: UFBA/Empresa gráfica da Bahia, 1990, p.93-123.

WENDLING, Líbia Maria Martins. *A arte no Vale do Sinos*. São Leopoldo, Unisinos, 1999.